

---

## **A TV MAIS EM BRANCO DO QUE EM PRETO: A DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO DO NEGRO EM “A CABANA DO PAI TOMÁS” (1969)**

Marcelo Ribeiro Oliveira  
Graduando em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz  
mribeiro1990@hotmail.com

**Palavras-Chave:** Blackface. Racismo. Atores Negros. A cabana do pai Tomás.

Esta comunicação visa discutir como o espaço do negro foi delimitado<sup>1</sup> na montagem da telenovela *A cabana do pai Tomás* no ano 1969 pela Rede Globo de Televisão. Este recorte está vinculado a um projeto de iniciação científica<sup>2</sup> que tem no bojo da sua análise a crítica do teatrólogo Plínio Marcos ao uso do *blackface*<sup>3</sup> nessa telenovela.

Para este momento foi escolhida a passagem que privilegiasse a reação da emissora à crítica de Plínio Marcos. Dessa forma, buscamos entender de que modo essa reação aconteceu e em que medida tal reação contribuiu para a permanência da exclusão dos atores/personagens negros na TV, especialmente na telenovela.

*A cabana do pai Tomás* é originalmente um romance estadunidense que aborda a escravidão nos Estados Unidos. “Pai Tomás” é um escravo negro e se constitui como o personagem principal na história. A adaptação para o formato telenovela ficou sob responsabilidade da autora Hedy Maia e supervisão de texto de Glória Magadan, cubana especializada em telenovelas.<sup>4</sup> Para interpretar o personagem principal foi escolhido o ator branco Sérgio Cardoso. E para dar vida a Cloé, a esposa de Tomás, foi escolhida Ruth de Souza, uma atriz negra.

A empresa que patrocinou a telenovela foi a Colgate-Palmolive. Foi essa patrocinadora quem indicou o nome de Sérgio Cardoso, e a emissora o aceitou. Sérgio, por sua vez, indicou o nome de Ruth de Souza, como é possível perceber no depoimento dessa atriz presente no livro realizado em sua homenagem. A relação existente entre esses dois atores era de amizade e consideração do trabalho de um pelo outro, como ela mesma diz.<sup>5</sup>

Essa iniciativa da patrocinadora em escolher Sérgio Cardoso e pintá-lo de preto indignou alguns atores e outros segmentos artísticos, inclusive o teatrólogo Plínio

Marcos, cuja posição ideológica era contra atitudes racistas e discriminatórias. Para ele, a atitude da patrocinadora e da emissora se caracterizou como racista.

Em sua crítica, Plínio Marcos privilegiou citar a existência na época de atores negros competentes e de valor comprovado para interpretar pai Tomás. Incluiu também os prejuízos dessa prática para os atores negros, dando como exemplo o caso do ator branco que interpretava Otelo<sup>6</sup> pintado de preto em um teatro de São Paulo, enquanto Rubens Campos, ator negro, morreu sem interpretar bons papéis e sem ser reconhecido. Plínio prosseguiu falando da posição delicada de alguns atores negros (e também brancos) diante da situação. Para ele, havia atores revoltados, mas calados com medo de perder o emprego por causa da família e do amor ao que faziam. Concluiu afirmando que não deveria ser tomado o ridículo exemplo de outras terras, onde era comum pintar pessoas de preto, e ressaltou a importância dos atores negros interpretarem os personagens que lhe cabem, como o pai Tomás.<sup>7</sup>

A forma incisiva da crítica de Plínio Marcos pode ser entendida inicialmente como uma reunião, por escrito, dos argumentos utilizados pelos próprios atores negros contra a emissora devido ao uso do *blackface*. Ela reuniu situações vividas no passado e naquele presente pelos atores negros. Por isso, entendemos a argumentação aproximada da realidade do segmento em questão, tornando a crítica coerente com a realidade.

A crítica do teatrólogo surtiu também o efeito principal para esta pesquisa. A resposta da emissora só foi exposta porque foi preciso rebater os argumentos lançados por Plínio. É possível perceber isso em dois momentos: o primeiro está presente no depoimento do ator Milton Gonçalves e o segundo no depoimento de Fábio Sabag, primeiro diretor de *A cabana do pai Tomás*.

### **As justificativas**

O depoimento de Milton Gonçalves foi dado ao site da Rede Globo, “memóriaglobo.com”. Nele, Milton nos revela a sua participação na polêmica do *blackface*:

O Sérgio Cardoso fazia um personagem negro na novela, pintado. Pintado de preto. E as pessoas começaram a reclamar em São Paulo – que era o mercado direcionado: “Mas como é que pintam um ator? Será que não tem um ator negro no Brasil para isso?”, aquelas coisas. Ele botava peruca, botava rolha no nariz, botava algodão para ficar falando feito preto, caricaturando num

país de mais de 50% de negros, parentes e afins. Mas eu ficava na minha. Até que, um belo dia, envolveram meu nome lá em São Paulo. E um dos diretores da Casa disse que eu tinha que ir a São Paulo para participar de um desagravo ao Sérgio Cardoso. Falavam assim, como se eu fosse um débil mental: “Isso é coisa de comunista de São Paulo. Você tem que ir lá para participar”. E eu disse: “Não, não vou”. Aí estranharam: “Como, você não vai?”. E eu disse: “Não vou. Não vou porque vocês não me perguntaram se eu concordava que pintassem o Sérgio Cardoso de negro. Vocês não me perguntaram. Eu não concordo, acho um desrespeito com a minha gente, acho mesmo, e não vou”. [...]<sup>8</sup>

Com essas informações é possível considerar o receio da emissora em parecer racista, e principalmente, que Plínio Marcos estivesse com a razão. Isto porque, pelo que Milton diz, o que se queria não era apenas uma entrevista de desagravo, mas sim uma entrevista liderada por um ator negro, cujo nome foi citado por Plínio. Mas adiante no depoimento de Milton, ele diz que foi mandado embora do emprego, mas posteriormente o chamaram de volta. Soube algum tempo depois que só não foi demitido porque outro diretor considerou que caso ocorresse a demissão, o preconceito se concretizaria.

É sob este clima de insatisfação e receio das acusações de racismo que são encabeçadas as justificativas que legitimaram Sérgio Cardoso, o ator branco, no papel de pai Tomás, o personagem negro.

Fábio Sabag foi o primeiro diretor de *A cabana do pai Tomás* e esteve presente na preparação dela. No entanto, foi afastado ainda durante a exibição porque não correspondeu à pressão que lhe era colocada. Em seu depoimento ao site “memoriaglobo.com” encontram-se duas justificativas para que o pai Tomás fosse interpretado naquela situação.

A primeira justificativa diz que havia poucos atores negros sob contratação da emissora no período, havia mais atrizes negras do que atores negros. Apesar dele não deixar claro como este aspecto impossibilitaria um ator negro interpretar pai Tomás, a hipótese considerada é a de que não havia muitas opções de escolha para realizar o teste em busca do ator negro ideal. Todavia, essa consideração do diretor parece confusa, pois, segundo a revista *Veja*,<sup>9</sup> Sérgio Cardoso foi tirado da TV Tupi exclusivamente para essa telenovela da Rede Globo, e com um dos maiores salários pagos a um ator de TV no período.

Isso demonstra que a não existência de atores negros contratados pela emissora não era um problema, principalmente quando se tem Milton Gonçalves já contratado desde o surgimento da Rede Globo. Não é problema também quando se percebe a presença de atores negros de talento reconhecido e formação profissional legitimada no cinema e principalmente no teatro.<sup>10</sup> Vale ressaltar que Sérgio Cardoso é oriundo do teatro, como boa parte dos atores da TV, e só conseguiu construir a carreira de sucesso na televisão porque isso lhe foi permitido. Porém, não se percebeu essa permissividade com qualquer ator negro no espaço televisivo até a data estudada.

A segunda justificativa precisa ser citada para que seja melhor compreendida.

O Sérgio Cardoso, que era um extraordinário ator, aceitamos que ele fizesse três personagens, sendo que um que causou uma celeuma enorme, porque ele fazia o preto velho, justamente o pai Tomás. Dentro da ótica dessa época, um grande ator fazendo três personagens, e sendo *um ator com a capacidade dele*, nós aceitamos bem isso. Criou-se um drama, na época, com os atores negros, que começaram a reclamar. Porque eles raramente tinham a oportunidade de fazer um personagem negro forte e, quando essa oportunidade surgiu, nós chamamos um branco para fazer pintado. Por outro lado, o público aceitou pela grande *qualidade do Sérgio Cardoso*, o *carisma dele*, o *nome nacional dele*, ele tinha feito o Dr. Valcur, grande sucesso na Tupi, *tinha grandes trabalhos*.<sup>11</sup> (grifo nosso)

Atentemos primeiro para o fato de Sérgio Cardoso interpretar três personagens na mesma obra. O segundo era o ex-presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln. E o terceiro era um galã ao estilo do ator estadunidense Clark Gable no filme “E o Vento Levou...”.

Destrinchar essa segunda justificativa é o melhor caminho para analisá-la. Quando Fábio Sabag diz que “dentro da ótica da época um grande ator fazendo três personagens, e sendo um ator com a capacidade dele, nós aceitamos bem isso” está colocando no mesmo barco duas coisas: a possibilidade de um ator interpretar mais de um personagem em uma mesma obra e o uso o *blackface* para que essa situação ocorresse. Desta forma, ele acaba não considerando a história por trás do *blackface*, deixando espaço para a naturalização da prática.

Mara Lúcia Leal, doutoranda em Artes Cênicas, nos mostra que o *blackface* está inserido num contexto de racismo e segregação, muito utilizado nos Estados Unidos nos séculos XIX e XX. Para ela, essas performances desempenharam papel importante em

consolidar e proliferar imagens, atitudes e percepções racistas no mundo. Ela também vê como uma forma de se apropriar, assimilar e explorar a cultura negra americana (LEAL, 2008, p. 04). No contexto de *A cabana do pai Tomás*, o *blackface* se tornou uma prática que auxiliou o branco na apropriação do espaço destinado aos atores negros, mesmo levando em conta que esta pode não ter sido a intenção.

Quando Fábio Sabag coloca a situação da forma como colocou, além de negligenciar este aspecto, faz com que se pense que a exclusão de atores negros de seu espaço através do *blackface* seja natural. Isto é, com uma lógica por trás, desde que o ator, ao ser pintado de preto, convença o (tele)espectador. No caso de Sérgio Cardoso, toda a sua carreira construída na TV contribuiu também para a sua aceitação.

A atriz Ruth de Souza, egressa e militante do Teatro Experimental do Negro, quando fala sobre esse assunto demonstra aceitar a circunstância. Não no intuito de defender a emissora, mas talvez para a defesa do seu amigo Sérgio Cardoso:

Bem, como o Sérgio queria fazer o Pai Tomás, ele escureceu a pele, usou uma peruquinha com cabelo crespo. Estava perfeito! O Sérgio fez o papel muito bem, porque tinha uma incrível capacidade de mudar de personagem, de tipos. E aí começou o protesto. Eu entendi perfeitamente terem dado o papel a ele. Sérgio era um grande nome, um grande astro e, naturalmente, a firma preferiu que ele fizesse o personagem, e não o Milton Gonçalves, que era negro, contratado da Globo, mas ainda não tinha um nome. E essa foi a razão do protesto. Eu não vi nada demais, porque o Sérgio era uma pessoa tão aberta, tão sem preconceito... Ele quis fazer um personagem negro, como qualquer ator gostaria de fazer.<sup>12</sup>

Ao colocar aqui este depoimento, a intenção é demonstrar como a ótica da naturalidade permeia o espaço artístico, a partir da percepção de Ruth de Souza, uma atriz negra, militante e consciente do racismo que sofre. Nesse sentido, Fábio Sabag parece não estar equivocado ao dizer que a ótica da época correspondia à ação da emissora.

A atriz Ruth de Souza também passou por um problema nessa telenovela. Seu nome foi colocado após os de algumas atrizes que reclamaram para que isso ocorresse. Segundo a atriz, o seu nome estar ao lado de Sérgio Cardoso na frente, incomodava algumas atrizes brancas. Para ela, isso exemplificaria o racismo que existe no meio televisivo (JESUS, 2004, p.112). O cineasta Joel Zito Araújo (2000), em seu livro *A Negação do Brasil*, concorda com esta afirmação. Sua abordagem privilegia a análise da representação dos estereótipos dos negros presentes nas telenovelas brasileiras de 1963

a 1967. No entanto, não deixa de contemplar o que acontece por trás da cena, principalmente quando as atitudes racistas são explícitas, como foi neste caso com Ruth de Souza.

### **Considerações Finais**

Sob estas justificativas a interpretação de pai Tomás por Sérgio Cardoso foi legitimada. Nessa legitimação, encontramos dois problemas: o ator negro não interpreta o personagem principal e uma prática que surgiu num contexto racista é utilizada para excluí-lo. Ao fazer isso, o sentido dessa prática parece ser reelaborado, pois seus autores não enxergam nela um caráter racista, mas sim como um recurso normal que permite ao ator de sucesso e talento representar mais um personagem “diferente”. Mas afinal, qual o problema disso?

O primeiro e visível problema é o afastamento dos atores negros de personagens fortes no enredo das telenovelas. Afinal, não foi sempre na história da telenovela brasileira que um negro pôde interpretar um personagem principal. Na primeira vez que essa oportunidade surgiu, o ator branco foi chamado para fazer pintado de preto, através do *blackface*. Assim, a construção de ídolos negros pela TV (semelhantes aos ídolos brancos como o próprio Sérgio Cardoso) foi cada vez mais dificultada.

Como Joel Zito bem aponta, *A cabana do pai Tomás* trouxe o maior número de atores negros até então (2000, p. 90),<sup>13</sup> mas a maioria esmagadora presente em personagens escravos e de pouca importância. Fora telenovelas como essa, interpretaram personagens estereotipados, com pouco destaque e que dificilmente serviriam para elevá-los a um patamar de ídolos. A primeira vez encontrada na pesquisa em que foi possível isso acontecer, foi quando Isaura Bruno fez sucesso como a Mamãe Dolores em *O Direito de Nascer* em 1964 na TV Tupi. Neste caso, não se aproveitou o talento e reconhecimento da atriz,<sup>14</sup> sendo chamada posteriormente para interpretar personagens descartáveis.<sup>15</sup>

O segundo problema é a existência de racismo em atitudes consideradas normais. O problema existe porque o racismo parece se esconder por trás da visão de normalidade. Florestan Fernandes, citado por Schwarcz, trabalha com esta visão do racismo à brasileira. Lília Schwarcz identificou no estudo de Fernandes a noção íntima

dada ao racismo, tratado como não externado e condenado publicamente no Brasil, mesmo existindo. Essa prática anti-racista pode levar, na visão de Fernandes, à dissimulação de manifestações racistas, mantendo intocada a discriminação na sociedade (SCHWARCZ, p. 204). Essa visão do racismo acaba por dar a ele a possibilidade de ser negado ou mascarado. Ao ser mascaradas, atitudes racistas precisam de um novo sentido que afaste o caráter de “raça” delas. O *blackface* em *A cabana do pai Tomás*, por exemplo, foi reelaborado - partiu do contexto racista - e tornou-se mais um recurso artístico, como já dito acima. Ou seja, as atitudes baseadas em racismo no Brasil possuem a possibilidade de ser camufladas, intencionalmente ou não, pois como nos avisa Fernandes, faz parte do racismo à brasileira a condenação do racismo aberto, declarado.

No entanto, no ver de Fernandes, a existência desse racismo não manifestado é o aceitável. Por isso, atitudes que pareçam racistas são condenáveis. Mas atitudes que, no consenso, não pareçam racistas podem ser emitidas. Daí o esforço em reelaborar certas práticas que originalmente carregam consigo a ideia de racismo. Através dessa visão, podemos ponderar que, ao justificar a atuação de Sérgio Cardoso como pai Tomás, a emissora reelaborou a visão existente sobre o *blackface* e, assim, manteve a prática e não precisou substituir o ator branco por um ator negro.

Vale relembrar a consideração de Florestan Fernandes sobre a dissimulação de manifestações racistas, que, para ele, mantém intocada a discriminação na sociedade. Neste caso, além da discriminação, mantém também intocada a delimitação do ator negro na telenovela, deixando-o de lado de personagens fortes e importantes no enredo, oferecendo-lhes aqueles descartáveis e pouco importantes, conferindo a toda essa situação um caráter de normalidade e naturalidade.

## NOTAS

<sup>1</sup> Utilizamos o termo “delimitado” no sentido de restrição, exclusão e afastamento.

<sup>2</sup> Este trabalho foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (2009-2010).

<sup>3</sup> Recurso utilizado para caracterizar pessoas brancas com traços da população africana negra, principalmente o rosto.

---

<sup>4</sup> Contratada pela Rede Globo para supervisionar o núcleo de telenovelas. A contratação de Magadan simbolizou um investimento da emissora num mercado que indicava estar em expansão na América Latina.

<sup>5</sup> JESUS, M. A. de. **Ruth de Souza:** estrela negra. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004. p. 111.

<sup>6</sup> Na montagem da obra *Otelo, o Mouro de Veneza*, de William Shakespeare. Plínio não cita qual é o teatro, qual é o ator branco, nem em qual época isso aconteceu.

<sup>7</sup> Veja a crítica na íntegra: <http://www.pliniomarcos.com/jornaiserevistas/lincoln.htm>

<sup>8</sup> Veja o depoimento da íntegra: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYE0-5268-252457,00.html>

<sup>9</sup> Edição de 5 de maio de 1969, p. 28. Ela trazia uma discussão sobre se a telenovela deveria retratar o país ou manter o gênero melodramático.

<sup>10</sup> Sobre este tema ver texto publicado em:  
<http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/marceloribeiro.pdf>

<sup>11</sup> Este depoimento foi visto em vídeo disponível no site “memoriaglobo.com” e na versão escrita. Veja o depoimento da íntegra: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYE0-5268-225819,00.html>

<sup>12</sup> Veja o depoimento da íntegra: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYE0-5268-256398,00.html>

<sup>13</sup> Não há um número exato dos atores negros presentes nessa telenovela, mas a tabela trazida pelo autor na página 82 de seu livro *A Negação do Brasil* indica seis atores negros que atuaram nela.

<sup>14</sup> Para saber mais sobre este caso ver o terceiro capítulo do livro *A Negação do Brasil* de Joel Zito de Araújo.

<sup>15</sup> Personagens com pouca ou nenhuma importância para o enredo. Se não existissem, não fariam falta para o entendimento da história.

## **Bibliografia**

ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil:** o negro na telenovela brasileira. São Paulo: SENAC, 2000.

JESUS, M. A. de. **Ruth de Souza:** estrela negra. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

LEAL, M. L. **Anjo Negro:** cor e desejo. In. ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4. 2008, Salvador. Anais eletrônicos... Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14654.pdf>

*MELHORES MOMENTOS:* a telenovela brasileira. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1980.

---

SCHWARCZ, L. K. M. “Nem preto nem branco, muito pelo contrário”: cor e raça na intimidade. In. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, vol 4, 1998

STOWE, H. B. **A cabana do pai Tomás**. São Paulo: Saraiva, 1960. (2 vol)